

CONSTRUÇÕES DO FEMININO NO ROMANCE INGLÊS DO SÉCULO XVIII

Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos (USP)

ABSTRACT: The rise of the novel in eighteenth-century England foregrounded woman as protagonist of the new literary genre which, like much of the intellectual production of the period, took an unprecedented interest in women's nature and position. This article intends to discuss the representation of women in the 18th century English novel, based on two assumptions: firstly, the feminine was a cultural and social construction rather than a natural quality; secondly, the new genre did not simply reflect values but helped to create them.

Meu objetivo neste artigo é discutir a representação do feminino no romance inglês do século XVIII, isto é, pensar de que maneira o novo gênero literário representou a mulher e como contribuiu para criar uma nova imagem feminina. Dois pressupostos norteiam essa discussão: em primeiro lugar, gostaria de argumentar que o feminino, naquele momento, foi uma construção eminentemente cultural e social, e não um modo de ser natural e inerente à mulher, como essa literatura queria fazer parecer; em segundo lugar, gostaria de reforçar a idéia de que essa ficção não apenas refletiu os valores de seu tempo, mas, sobretudo, ajudou a criá-los. Ou, para dizer de outro modo, os romances foram

"instrumentos que contribuem para constituir interesses sociais mais do que lentes que os refletem."¹

A ascensão do romance na Inglaterra do século XVIII trouxe para primeiro plano a figura da mulher como protagonista do novo gênero literário que, assim como muita da produção intelectual do período, demonstrou um interesse sem precedentes pela natureza e posição da mulher.

Com a ascensão da burguesia, a sociedade inglesa havia sofrido mudanças muito importantes. O poder político e econômico estava mudando de mãos e a combinação de capitalismo e protestantismo determinava novos papéis tanto para o homem como para a mulher, resultando numa nova concepção de casamento. O casamento e o amor, que sempre haviam sido mantidos dissociados pela aristocracia, passavam agora a ser vistos como inseparáveis pela burguesia puritana. Com os casamentos de conveniência sendo gradualmente substituídos pelo que o historiador Lawrence Stone chama de "companionate marriage"², a escolha do parceiro tornava-se crucial. Começou-se a se revalorizar de modo veemente a fidelidade e a castidade da mulher. De fato, a castidade feminina tornou-se uma mercadoria valiosa no mercado de casamentos pois, como afirmou Samuel Johnson claramente, era "da mais alta importância, já que a propriedade depende dela"³. Não só a preservação da propriedade familiar, acrescento, mas principalmente a descendência legítima. Nesse mundo de domínio econômico masculino, as mulheres não tinham direito legal à propriedade nem à riqueza. Todo e qualquer bem que traziam para o casamento, em forma de dote, passava automaticamente para as mãos do marido. Na classe média, havia pouca chance de auto-suficiência econômica para elas e quase nenhum acesso ao mundo do trabalho. Para as mais pobres, havia três alternativas: o

¹ Eagleton, Terry. *The Rape of Clarissa. Writing, Sexuality and Class Struggle in Samuel Richardson*. Blackwell, 1985, p. 4.

² Stone, Lawrence. *The Family, Sex and Marriage in England, 1500-1800*. London, Weidenfeld & Nicholson, 1977.

³ In Boswell, *Life of Johnson*, I, 347-8; citado por Hill, Christopher. "Clarissa Harlowe and her Times" in Carroll, John (ed.). *Samuel Richardson: A Collection of Critical Essays*. New Jersey, Englewood Cliffs, 1969, p. 102-123.

trabalho como costureira, criada ou prostituta. O historiador Christopher Hill dá um quadro muito claro da situação feminina no século XVIII quando afirma que "Às mulheres que não herdavam riqueza não restava nenhum bem negociável a não ser seu sexo, que poderiam comercializar ou no mercado aberto de casamento, como Pamela lhes havia ensinado, ou no mercado negro, como Roxana e Moll Flanders".⁴ Tratadas pelas leis do início do século como seres dependentes, irresponsáveis e incapazes e com poucas opções no mercado de trabalho, por causa da nova estrutura econômica capitalista, as mulheres tinham no casamento uma das poucas ocupações legais à sua disposição. O aburguesamento da sociedade inglesa havia criado o novo ideal da mulher como esposa zelosa e submissa enquanto que a Igreja Puritana havia, ao longo de todo o século XVII, pregado a inferioridade feminina ao mesmo tempo que sancionava, com base na doutrina, a figura do homem como lorde e senhor. Quase sem opção, restava à mulher preservar sua virtude e manter sua reputação, isto é, sua imagem pública, pois, mercadorias de alto valor, delas dependia sua vida. Também não era nada fácil a existência para aquelas que, por alguma razão, ficavam solteiras.

Abro aqui um parêntese: a palavra *spinster* (solteirona, em inglês) era originalmente um termo que designava as fiandeiras profissionais, sem qualquer carga pejorativa. Por volta de 1650, já havia se transformado numa designação legal, referindo-se às mulheres solteiras e no século XVIII já havia passado a significar a solteirona, alguém sem um lugar real na sociedade que tinha como opções ou um trabalho mal remunerado e sem prestígio ou a dependência pura e simples.

Esse tipo de dependência feminina foi objeto de um comentário bastante contundente de Mary Astell, considerada a primeira feminista inglesa:

"Apenas rogo ser informada a quem nós, pobres donzelas sem pai e viúvas que perderam seus senhores, devemos sujeição. Não pode ser a todos os homens em geral, a

⁴ Hill, op. cit., p. 118.

*menos que todos os homens concordassem em dar as mesmas ordens; nos colocamos, então, como pessoas perdidas nas mãos do primeiro que nos encontrar? Pelos ditames de alguns homens e a conduta de algumas mulheres, pensar-se-ia que sim.*⁵

A nova ordem econômica obrigou homens e mulheres a se adaptarem às mudanças que se operavam na sociedade. No caso dessas últimas, no entanto, a situação se complicou muito com a perda de espaços no mundo do trabalho que haviam sido seus. Com a expansão urbana, o crescimento da indústria, a crescente especialização de habilidades, muitas das tradicionais tarefas femininas estavam sendo assumidas pelas novas classes profissionais. A fiação, a tecelagem, a produção de alguns produtos de consumo (como pão, cerveja e velas) deixaram de ser atividades domésticas, de competência das mulheres da casa, para se tornarem atividades industriais, desempenhadas pelos homens nas fábricas. Se, por um lado, a liberação dessas tarefas domésticas proporcionou às mulheres maior tempo livre, que será principalmente ocupado com a leitura de romances, também as expulsou do mercado de trabalho, tornando-as mais dependentes do casamento para sua sobrevivência. Na nova ordem burguesa, portanto, passamos a ter uma especialização de funções e uma nova divisão de tarefas: aos homens cabe trabalhar e sustentar a casa e às mulheres, a administração do mundo doméstico. No meio urbano, não havia outro lugar para a mulher senão a casa do pai ou a do marido, pois era difícil para ela sustentar-se. As opções de trabalho eram tão reduzidas que era também muito comum que as jovens vindas do campo, em busca de emprego em Londres, acabassem caindo na prostituição. Por outro lado, desde sua dissolução por Henrique VIII, os conventos, que haviam servido de refúgio a muitas mulheres, inclusive enquanto centros de educação, haviam deixado de ser uma alternativa ao casamento.

Essas mudanças vão se refletir diretamente no casamento enquanto instituição. Como casamentos sem amor,

⁵ tradução da autora.

fundados apenas no interesse econômico, eram vistos como um estímulo ao adultério, colocando em risco dessa maneira a propriedade e a descendência, começou a haver uma mudança de atitude, já no final do século XVII, em direção a uma defesa crescente do casamento baseado no afeto e no companheirismo. O amor passa a se constituir em um novo ingrediente que deve nortear a escolha do par pelos jovens e não é de se surpreender que tantos romances ao longo de todo o século XVIII tematizem esse momento crucial na vida de seus personagens, já que uma escolha equivocada poderia ser uma tragédia sem solução, numa sociedade em que o divórcio legal só era facultado para os muito ricos, sendo impossível para a grande maioria.

Por esses motivos, um dos grandes debates do período centrava-se, de um lado, no casamento por conveniência e, de outro, no casamento por amor, discutindo as vantagens e desvantagens de ambos. O fato é que o novo imperativo do amor passou a ser um elemento fundamental que, além de valorizar a família, permitia o movimento através das classes e a aliança entre a burguesia e a aristocracia. Importante instrumento de mobilidade social, o casamento, que era apenas um rito religioso ou privado, passou a exigir leis civis que o regulamentassem e, em 1753, o governo aprovou o Marriage Act de Lord Hardwicke, que definiu uma série de normas e procedimentos, dando-lhe status legal.

Este cenário, que acabo de pintar rapidamente, dá bem a idéia da importância central que o casamento tinha na vida das mulheres, na medida em que estavam em jogo não apenas interesses econômicos mas também seu destino. Com a possibilidade de casamentos entre classes (por exemplo, entre a rica burguesia e a aristocracia empobrecida), tornou-se cada vez mais crucial para as filhas da classe média adquirir os dotes necessários para aumentar suas chances no mercado de casamentos. A raia da ideologia do amor romântico, os romances passaram a exercer um papel fundamental na tarefa de educação das jovens, inculcando princípios, reforçando atitudes desejáveis e realçando a virtude como a principal qualidade a que elas deviam aspirar.

Sendo praticamente a única carreira aberta a elas, o casamento era um destino quase inescapável e as mulheres tinham que se preparar para ocupar o centro da família

burguesa e assumir a criação dos filhos. Uma educação sólida era considerada desnecessária e acima da capacidade feminina e, de modo geral, pensava-se que as mulheres podiam passar muito bem com as poucas prendas que lhes eram ensinadas nos internatos: desenho, dança, música, trabalhos de agulha, francês, postura. Seu intelecto podia ser admirado, mas não recebia aprovação inequívoca. Muito pelo contrário, havia preconceito contra qualquer pretensão intelectual numa mulher e a ignorância era vista por muitos como parte da imagem de feminilidade.

A crença no poder da educação, uma idéia disseminada pelo Iluminismo em toda a Europa, não necessariamente incluía as mulheres, a quem não se facilitava o acesso ao aprendizado sério. Naturalmente, elas também eram excluídas da política e do poder. Questões literárias, filosóficas, políticas e comerciais eram território masculino, discutidas em clubes e cafés. As mulheres, ao contrário, tinham que ser instruídas na arte da conversa, adequação de vestuário e cuidados domésticos. Assuntos sérios não eram para elas. Tinham sim é que se concentrar no aprendizado da modéstia, graça, decoro, recato e delicadeza. Em contrapartida, a frivolidade, a coqueteria e o flerte eram geralmente condenados como faltas graves em uma mulher. Patricia Meyer Spacks argumenta que a sociedade do século XVIII "estabeleceu uma fronteira absoluta entre a conduta virtuosa e a conduta não virtuosa nas mulheres"⁶. A distinção de classe também era clara: enquanto se esperava que as mulheres de classe média e alta fossem castas e que não se comportassem como seres sexuais, havia muito menos restrições em relação às mulheres das classes mais baixas. O controle da sexualidade feminina era mais uma das formas de domínio masculino sobre elas. Vista como volúvel e propensa à excitação sexual, a mulher era considerada uma ameaça à família nuclear monogâmica. Por isso, devia ser controlada de perto, principalmente através da apologia da castidade e da negação da paixão sexual. Ao mesmo tempo, fazia-se vista grossa às escapadelas masculinas, às amantes e filhos ilegítimos, criando-se assim um duplo padrão que, apesar das conquistas do movimento feminista, ainda sobrevive até hoje.

⁶ Spacks, Patricia Meyer. "Ev'ry Woman is at Heart a Rake". *Eighteenth-Century Studies*, n.1, v.8, p. 27, Outono 1974.

Em seu livro *A Consciência Puritana e a Sexualidade Moderna*, o historiador Edmund Leites observa que "No século XVIII, às mulheres foi dado o poder de levar a cabo a poderosamente nova cultura do autocontrole. Elas eram vistas como sendo primeiramente responsáveis pelo avanço dessa cultura e, portanto, tinham que ser verdadeiramente puras na conduta e no sentimento. Os homens também deveriam atingir algum grau de desenvolvimento moral, mas, se lhes permitia serem mais luxuriosos, podiam errar mais: eram, afinal de contas, homens. Aqui estava o duplo padrão."⁷

Essas novas maneiras de pensar, principalmente relativas ao papel social da mulher e à instituição do casamento, foram disseminadas em diferentes tipos de publicações. Enquanto os manuais de conduta se esforçavam para ensinar à mulher como se comportar e tornar-se uma boa dona de casa, os periódicos, de modo geral, e as revistas especialmente dedicadas à mulher se constituíram em armas poderosas no ensino de novas atitudes e valores. Obviamente, elas não eram os únicos alvos dessas novas idéias. A reforma dos costumes era um objetivo que também incluía os homens, mas para educá-los era necessário tomar as mulheres melhores esposas e mães. Dentro do projeto iluminista de mudar o modo de pensar do homem comum, cabia à mulher o papel de educadora. Diante do reduzido acesso feminino à educação formal, essas publicações passaram a ser uma fonte importante de instrução para a maioria das mulheres. Entretanto, foram também responsáveis por disseminar um discurso de feminilidade e domesticidade especialmente dirigido a elas.

O *Spectator*, um dos mais influentes e populares periódicos do início do século, teve um papel fundamental em propagar idéias que procuravam explicar as diferenças entre os sexos e definir, com clareza, qual o caráter ideal tanto de um como de outro:

"Se tivéssemos de formar uma imagem da dignidade, no homem, lhe daríamos sabedoria e valor como sendo essenciais ao caráter da masculinidade. Da mesma forma,

⁷ Leites, Edmund. *A Consciência Puritana e a Sexualidade Moderna*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1987, pp. 34/5.

se você descreve uma mulher correta, num sentido elogioso, ela deve ter uma gentil suavidade, um medo brando, e todas aquelas partes da vida que a distinguem do outro sexo, com alguma subordinação, mas que seja de tal inferioridade que a torne ainda mais adorável.¹⁸

Assim como o *Spectator*, outros diários, panfletos, revistas e tratados davam, ao longo de todo o século, uma atenção cada vez maior ao novo papel da mulher e refletiam as preocupações da sociedade em relação a ele, dedicando bastante espaço às discussões de questões consideradas como próprias do universo feminino. Eram, como apontou Terry Eagleton, parte de "um empreendimento mais amplo que explora atitudes para com os servos e as regras do comportamento galante, o *status* das mulheres e afetos familiares, a pureza da língua inglesa, o caráter do amor conjugal, a psicologia dos sentimentos e as leis da toailete"⁹. Também contribuíram para forjar a nova imagem da mulher virtuosa, de cuja castidade dependia toda sua vida e futuro.

Essas idéias que começaram a se propagar no começo do século eram, sem dúvida, uma reação ao "libertinismo" e "licenciosidade" criticados como sendo típicos do período da Restauração. Uma nova sociedade em ascensão exigia novos hábitos, valores e reforma de instituições como o casamento, e dava às mulheres um novo papel. Muito do que a sociedade esperava dela, sua condição subordinada e horizontes limitados estão expressos na máxima de Richard Steele, do periódico *The Spectator*. "Tudo o que ela tem a fazer neste mundo está contido nos deveres de filha, irmã, esposa e mãe." (III, p. 70-1). Essas noções eram insistentemente marteladas em artigos, ensaios e resenhas que ajudaram a moldar um novo ideal de distinção e feminilidade.

Naturalmente, os romances também participaram deste movimento cultural. A maior parte deles, na Inglaterra do

⁸ *The Spectator*, nº 144, 2:70, apud Leites, Edmund. *A Consciência Puritana*

⁹ Eagleton, Terry. *The Function of Criticism*. London, Verso, 1985, p.18.

século XVIII, foi escrita para instruir através do exemplo, promover a virtude e punir o vício por meio de uma história divertida. O senso de propósito moral e o zelo didático dos romancistas exprimiam uma moralidade burguesa que clamava por expressão. Para eles, o romance funcionava como um instrumento didático que visava reformar os homens, os costumes e as maneiras. O que eu gostaria de argumentar é que o romance teve um papel central na construção do gênero (gender), articulando e propagando a ideologia da domesticidade, que confinava as mulheres à esfera privada, enquanto ratificava a noção do homem como um ser público. Mais ainda, o novo gênero (genre) contribuiu para naturalizar esse novo conceito de feminilidade, como se houvesse uma essência feminina -- biologicamente inferior, socialmente subordinada e portadora de qualidades naturais que a tornavam mais afeita ao mundo da casa.

O papel dos romancistas na construção desse novo ideal de feminilidade é muito bem exemplificado por Samuel Richardson, definido por Terry Eagleton como "não apenas um daqueles intelectuais orgânicos da burguesia inglesa" mas "um dos mais vitalmente significativos dentre todos eles"¹⁰. Também é dele (do crítico) o argumento de que os romances de Richardson não são simplesmente imagens de conflitos entre a aristocracia e a burguesia mas sim a contribuição do romancista à construção da "esfera pública burguesa na Inglaterra do século XVIII."¹¹

Não se pode deixar de enfatizar o papel de Samuel Richardson na construção e propagação da ideologia da feminilidade. Além de fazer com que seu romance *Pamela, or Virtue Rewarded* se transformasse no grande assunto dos leitores quando foi publicado em 1740, o escritor também influenciou um grande número de romancistas, muitos deles mulheres. O impacto de *Pamela* foi enorme. Não apenas cenas do romance foram reproduzidas em leques vendidos nas lojas de Londres na época mas a protagonista Pamela também gerou as heroínas de centenas de romances populares que inundaram as bibliotecas-circulantes do país. Infelizmente, não foram o atrevimento, a inteligência, a sagacidade e a auto-confiança de Pamela que foram

¹⁰ Eagleton, Terry. *The Rape of Clarissa* ..., op. cit., p. 3.

¹¹ Eagleton, Terry. *The Rape of Clarissa* ..., op. cit., p. 7.

incansavelmente imitados nos romances sentimentais mas suas qualidades mais "femininas", isto é, seu senso de hierarquia social, obediência e humildade.

As heroínas dos romances, portanto, funcionaram como paradigmas de feminilidade. A virtude, a moderação, a inocência, o decoro, o bom senso eram algumas das qualidades fundamentais que passaram a constituir a nova imagem da mulher. Essas também eram as qualidades essenciais de heroínas como Cecilia, Camilla, Belinda, etc., cuja educação era baseada na defesa intransigente da virtude, entendida menos como uma questão de princípio do que como um conjunto de regras que visavam exclusivamente à preservação da castidade. Tanto na vida real quanto na ficção, elas deviam ser pacientes, modestas, humildes e delicadas; não deviam almejar o conhecimento ou aspirar à vida intelectual e nem amar antes de serem amadas; uma vez casadas, deviam a seus maridos obediência e submissão.

O romance sentimental, em grande voga de 1750 em diante, estabeleceu um tipo de paradigma que se transformou numa fórmula, através da repetição constante por parte da maioria de seus produtores. As heroínas de grande número dos romances populares eram muito belas, extremamente delicadas, terrivelmente sensíveis, propensas a desmaios freqüentes e lágrimas abundantes. Modelos de virtude e perfeição, eram vítimas inocentes permanentemente ameaçadas por vilões terríveis e incansáveis ou por paixões incontroláveis. Se desafortunadas a ponto de não resistir à sedução, eram fadadas ao enclausuramento perpétuo num convento (ressuscitado pelo romance gótico) ou à morte inescapável.

O sucesso do novo gênero produziu uma discussão bastante difundida a respeito dos efeitos perniciosos que a leitura de romances tinha sobre corações e mentes dos jovens de ambos os sexos, mas mais particularmente sobre as jovens. A voga do romance sentimental e gótico já no final do século XVIII só contribuiu para a desconfiança generalizada em relação aos propósitos alegadamente edificantes dos romances. Para os conservadores, este tipo de romance excitava a imaginação e despertava a fantasia, que, segundo eles, melhor estariam se colocadas sob controle. A escrita e a leitura eram

consideradas ocupações perigosas porque, sendo atividades solitárias, convidavam ao devaneio e estimulavam toda a sorte de fantasias. O medo estava, como observa Patricia Meyer Spacks, no fato de que "a palavra escrita pode tanto registrar como estimular a fantasia sexual: e fantasia [...] pode, em última instância, produzir ação".¹²

Vistas como presas fáceis de suas fantasias e como seres irresponsáveis, as jovens deviam ser controladas de perto por suas famílias e criadas de acordo com princípios rígidos que valorizavam a inocência e a virtude. Sujeitos à paixões e à falta de controle, o coração, a imaginação e os sentimentos deviam ser colocados sob estrita vigilância. Sob o olhar do pai e, mais tarde, do marido, a mulher devia ficar confinada à casa, ao mundo doméstico. O desejo de restringi-las exclusivamente ao seu papel privado era, no fundo, o desejo de domesticá-las. Não custa lembrar que o aparentemente inócuo adjetivo "doméstico" - com seu significado de "da, referente à casa, à vida da família" - pode se revestir de uma tonalidade menos inocente, já que domesticar também tem o sentido de "amansar, domar, civilizar, colonizar", com evidentes implicações de uma relação de poder. Não por acaso a apologia da mulher doméstica, absolutamente recorrente na época, acoberta a ideologia da domesticação. A presença da mulher no espaço privado da casa é garantia, para o homem, de fidelidade e de controle. Isso explica com certeza os apelos à moderação no falar e no vestir, a exigência do decoro, os incontáveis artigos sobre conduta feminina nos periódicos, a defesa da razão e do bom senso contra os arroubos das paixões. Portanto, se houvesse qualquer suspeita de que o romance pudesse incitar o "belo sexo" a excessos de imaginação, ou conduta inadequada, era preciso atacá-lo. Bons eram os romances que educavam através do exemplo, promoviam a virtude e puniam os vícios - tudo embalado pela doce cobertura do entretenimento. Os conservadores, entretanto, lançavam ao romance graves acusações, responsabilizando-o como causa da depravação feminina. O trecho deste artigo, publicado em *The Monthly Mirror* em novembro de 1797, apresenta argumentos repetidos *ad nauseam*, principalmente depois de metade do século:

¹² Spacks, op. cit., p. 38-9.

"...aqueles que fizeram da leitura de romances um ramo indispensável na formação das mentes das jovens têm muito pelo que se responsabilizar. Sem este veneno instilado, por assim dizer, no sangue, as mulheres jamais teriam sido escravas do vício, na vida comum. A alimentação simples, o ar saudável e os exercícios de que desfrutavam as teriam livrado da tirania de paixões desenfreadas e, como suas virtuosas avós, elas teriam apontado o dedo da vergonha aos impuros e licenciosos. [...] É naquela escola que a pobre mulher iludida assimila princípios errôneos e a partir daí segue uma linha de conduta flagrantemente corrompida; é lá que lhe dizem que o amor é involuntário e que os liames do coração são decretados pelo destino." ("Leitura de Romances uma Causa de Depravação Feminina")

Enquanto só se pode conjecturar a respeito do tipo de efeito que esses modelos teriam tido sobre as leitoras, não é difícil presumir que os romances podem ter funcionado como um instrumento poderoso de controle e dominação das mulheres, contribuindo para moldar e configurar padrões de comportamento considerados adequados. Afinal de contas, as mulheres eram seu público-alvo, suas protagonistas e também suas produtoras. Testemunhos muito eloqüentes foram deixados em diários e cartas a respeito da reação das leitoras aos romances, embora seja quase impossível medir quanto de seu comportamento foi modelado por suas leituras. O que é possível medir, e sobre isso há números concludentes, é o impacto do novo gênero e a popularidade que granjeou entre as leitoras. Com mais tempo livre à sua disposição, graças à disponibilidade de manufaturados que podiam ser adquiridos nas lojas ao invés de serem produzidos em casa, impedidas de participar dos negócios ou da vida pública, as mulheres das classes média e alta ocupavam-se cada vez mais com a leitura de romances. Embora seus preços de venda não fossem exatamente acessíveis, os romances podiam ser alugados nas

bibliotecas-circulantes, estabelecimentos comerciais que, desde sua fundação na cidade de Bath, em 1725, e na cidade de Londres, em 1740, foram um fator importantíssimo na disseminação do hábito de leitura e na popularidade do gênero. Múdicax taxax permitiam a mulheres de diferentes níveis sócio-econômicos acesso à última novidade no mercado livreiro enquanto que o hábito de leitura em voz alta possibilitava às criadas - do mesmo modo que às senhoras - contato com as venturas e desventuras das personagens romanescas, envolvidas em enredos que colocavam à prova sua virtude e afirmavam um ideal de feminilidade.

O sucesso dessas histórias era tal que as bibliotecas-circulantes se multiplicaram por toda a Inglaterra, tomando-se um negócio bastante lucrativo, e contribuíram de maneira decisiva para tornar acessível a quase toda a população sua dose diária de ficção. Esse depoimento, registrado em uma carta de uma leitora ao romancista Samuel Richardson, a respeito de seu romance *Clarissa*, dá uma idéia bastante significativa do tipo de efeito que os romances podiam ter sobre as mulheres:

*"Uma dama estava lendo a duas ou três outras o sétimo volume de Clarissa enquanto sua criada lhe enrolava os cabelos e a pobre menina deixou cair um tal rio de lágrimas sobre a cabeça de sua senhora que esta foi forçada a mandá-la para fora da sala, a fim de se recompor, perguntando-lhe, ao mesmo tempo, por que chorava; respondeu ela, por ver tanta bondade e inocência em dificuldade; uma das damas a seguiu para fora da sala e lhe deu uma coroa pela resposta".*¹³

Diante desse relato, não fica difícil entender por que, em *The Sign of Angellica*, Janet Todd argumenta que "o grande enredo da virtude feminina, primeiro em dificuldades e

¹³ Carta de Mrs. Belfour [Lady Bradshaigh] a Samuel Richardson, datada de 16 de dezembro de 1749.

depois recompensada por uma morte glamurosa ou uma herança, tornou-se um poderoso mito da cultura feminina."¹⁴

O culto da feminilidade, forjado a partir de um ponto de vista masculino, foi assumido por romancistas de ambos os sexos, com algumas exceções importantes. A mesma cultura que produziu o culto da feminilidade também produziu sua crítica. Contudo, a consciência feminista se desenvolveu lenta e gradualmente. Mesmo assim, quando o fez, foi frequentemente inibida pelas visões prevalecentes com respeito à posição e natureza da mulher. Houve algumas romancistas, entretanto, que conseguiram construir uma imagem alternativa de mulher. Sem de fato desafiar a hierarquia social ou a estrutura política, muitas delas criaram heroínas que não eram vítimas inocentes tentando se defender num mundo infestado de predadores masculinos, mas sim mulheres inteligentes, fortes e desembaraçadas. Em seus livros, elas se opunham à idéia de que a virtude feminina poderia ser colocada em risco pela educação, que defendiam como uma conquista importante. Apesar da censura social, algumas dessas romancistas assumiram a responsabilidade de defender a mulher e seu direito à leitura séria, a interesses mais amplos e ocupações intelectuais como parte também da esfera feminina. Desafiando convenções predominantes, suas vozes se levantaram para protestar contra a subordinação feminina, contra os horizontes estreitos e a falta de oportunidades. Como escritoras profissionais, o que por si só já era um desafio aos tradicionais papéis destinados à mulher, era natural que essas romancistas se colocassem contra as restrições que limitavam a vida das mulheres.

A consciência feminista não foi nem unívoca nem desprovida de ambigüidades. Christopher Hill aponta para o fato de que "na prática, as mulheres antes de Mary Wollstonecraft estavam *conscientes* da necessidade de emancipação. Algumas podem ter resistido às pressões que as degradavam e humilhavam, mas a resistência era ainda pouco mais do que passiva diante de uma tendência irresistível"¹⁵. Discutindo o trabalho progressista de romancistas como Charlotte Lennox, Fanny Burney, Elizabeth

¹⁴ Todd, Janet. *The Sign of Angellica: Women, Writing and Fiction 1660-1800*. London, Virago, 1989.

¹⁵ Hill, op. cit., p. 121.

Inchbald, Charlotte Smith e Mary Wollstonecraft, que "constantemente criavam situações em seus romances que criticavam a atitude e o tratamento da sociedade em relação à mulher"¹⁶, Katharine Rogers mostra que mesmo as mais conservadoras dentre essas mulheres objetavam às tradições patriarcais enquanto que mesmo as mais radicais eram inibidas pelas opiniões predominantes a respeito da natureza e papel feminino.

Tendo elas próprias levado uma vida muito pouco convencional, algumas dessas romancistas criaram personagens femininas que freqüentemente zombam das convenções e resistem às habituais restrições e limitações impostas às mulheres. Através dessas personagens, elas mostraram quanto um sistema educacional deficiente podia ser responsável pelas fraquezas e deslizes femininos. É interessante observar, no entanto, que essas obras não estão livres das contradições inerentes à ideologia burguesa de feminilidade, pois reforçaram-na ao mesmo tempo que denunciaram a opressão e as censuras sociais à mulher.

Essa combinação de conformismo e protesto em suas obras não é de se estranhar, pois, não importa quão pouco convencionais tenham sido essas mulheres, o discurso dominante da feminilidade deve também ter repercutido nelas. Um pequeno trecho tirado de uma resenha contemporânea do romance de Charlotte Smith, *The Old Manor House*, publicada em *The Critical Review*, fornece um retrato bastante claro do que tinham que enfrentar e defrontar:

"...agora nos detemos para indagar à Sra. Smith, ou a qualquer romancista ou leitor, que benefício possível pode advir para a sociedade, e particularmente para os jovens, da leitura de cenas tão repugnantes ao decoro e à virtude?"¹⁷

O "pecado" da romancista parece ter sido o de não punir o vício com o esperado rigor e essa cobrança da crítica, se era freqüente em relação aos escritores, era ainda mais

¹⁶ Rogers, Katharine M. *Feminism in Eighteenth-Century England*. Chicago, University of Illinois Press, 1982, p. 4

¹⁷ *The Critical Review*, vol. 8, series 2, maio de 1793.

comum com relação às romancistas, de quem se exigia uma narrativa exemplar e paradigmática do ponto de vista moral. A necessidade de negociar sua própria posição na sociedade e o papel que lhes era designado leva as romancistas, segundo Jane Spencer, a três tipos de respostas em suas obras: o protesto contra o tratamento reservado à mulher, a aceitação do papel de professoras de jovens e a fuga, ou do protesto ou da aceitação, através da fantasia. Essas opções, ainda de acordo com Spencer, resultaram na criação de três tipos diferentes de personagem: a virgem seduzida, a heroína reformada e a heroína do romanesco ou gótico.¹⁸

Ainda que tenham sido confinadas ao espaço doméstico, que freqüentemente tenham se escondido sob o anonimato, ou tenham sido desencorajadas a se envolver em atividades de natureza intelectual, as mulheres do século XVIII ganharam uma visibilidade sem precedentes, seja enquanto escritoras, leitoras ou personagens. No entanto, quaisquer que tenham sido as opções nos romances, os retratos ficcionais de mulheres - ou, para dizer de outro modo, sua representação literária - assumiram um caráter normativo e produziram um modelo de feminilidade marcado pela estreiteza e limitação. O romance, portanto, desempenhou um papel decisivo enquanto prática representacional na produção de uma nova imagem da mulher, que viria a se propor como o "ideal feminino" e a se manter enquanto tal até o século XIX.

Encerro por aqui, retomando Terry Eagleton. Discutindo Richardson, um dos fundadores do romance inglês, o crítico propõe que suas obras são "um agente, mais do que um mero relato, da tentativa da burguesia inglesa de arrancar um pouco da hegemonia ideológica da aristocracia." Estendendo esse mesmo pressuposto para o conjunto dos romances do século XVIII, pode-se dizer que o romance do mundo doméstico, centrado na figura feminina, contribuiu para a construção da hegemonia ideológica da burguesia, ao mesmo tempo que colocou em circulação um novo ideal de feminilidade que, com as honrosas exceções de sempre, apenas começou a se desconstruir com as conquistas do movimento feminista, a partir de 1960.

¹⁸ Spencer, Jane. *The Rise of the Woman Novelist. From Aphra Behn to Jane Austen*. Oxford, Blackwell, 1993.